

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte Journal da Brasil  
Data 21.10.91

Class.: AM-Internacionaliz.  
Pg.: 89

ARTIGO/ Alfredo Sirkis

## Os cupins da Amazônia

A demissão de Tânia Munhoz da presidência do IBAMA representou mais que um simples choque de egos entre ela e o secretário José Lutzenberger. Significou uma vitória do lobby antiecológico em ofensiva há alguns meses. A melhor prova disso é a promessa de seu sucessor de renunciar a um suposto xenofismo. Pode-se preservar o meio ambiente sem reprimir energicamente os desmatadores e os poluidores? Um Ibama mais *soft* com os devastadores é o que nos promete esse tipo de discurso, enquanto continua o festival de desinformação em torno da suposta "internacionalização" da Amazônia.



Depois de muitos meses de falsa unanimidade ambiental a dissensão e a polémica voltaram, o que seria salutar não fosse o baixíssimo nível dos argumentos dos inimigos da ecologia, os mesmos de 1989, quando o então ministro do Exército, aborrecido com a péssima repercussão internacional do assassinato de Chico Mendes e seus desdobramentos, passou a desfiar a lula-lula de que pretendem tomar nos a Amazônia e de que os índios são uma sub-raça de atrasadíssima cultura.

É certo que a hipocrisia ecológica de certos governos como os de Bush e Mitterrand — que praticou o terrorismo de estado contra um barco do Greenpeace para garantir experiências nucleares — é irritante e muita bobagem vem sendo dita fora do Brasil sobre a Amazônia como "pulmão do mundo" ou culpada maior do efeito estufa. Bobagens por sinal menos graves do que aquela do senhor Gilberto Mestrinho pretendendo que a floresta deva ser derrubada porque estaria infestada por cupins.

Na verdade, até hoje, governo estrangeiro, entidade ou organismo internacional algum ousou propor que se deva retirar ou condicionar nossa soberania territorial sobre a Amazônia brasileira. O discurso nacionalista desta malta não poderia ser mais chinfrim, basta ver quem são: alguns militares dóceis pupilos da doutrina de segurança nacional da Escuela de Las Américas, na zona do canal do Panamá, onde o Pentágono modelou várias gerações de oficiais latino-americanos, na total submissão aos seus desígnios de guerra fria; alguns políticos e empresários testas-de-ferro de capitais multinacionais estabelecidos na

Amazônia, durante os anos 70, na pecuária, na mineração e na celulose, em gigantescos empreendimentos devastadores, comandados por estrangeiros - o que nunca lhes despertou, na época, o menor brio nacionalista. E *last but not least*, alguns dinossauros da nossa velha esquerda stalinista...

Se a idéia fosse combater, no plano internacional, a hipocrisia ambientalista de Bush, que se recusa a sequer congelar, nos níveis atuais, as emissões de CO<sub>2</sub> na atmosfera, para conter o efeito estufa (na verdade seria necessário reduzi-las em cerca de 60%) ou exigir de Mitterrand que pare de detonar bombas atômicas no Pacífico, ou exigir que a questão ambiental seja discutida também à luz da dívida externa e da injusta relação Norte-Sul, estaríamos todos de acordo. Ocorre, no entanto, que o alvo do lobby antiecológico não está lá fora, mas aqui dentro: são os ecologistas, os sindicalistas, os seringueiros, os índios e os servidores públicos brasileiros que resistem à devastação.

A extrema-direita militar vem encontrando uma trincheira nessa vigarice pseudonacionalista, privada do seu discurso anticomunista pelo colapso do comunismo, sem inimigos visíveis no horizonte a justificar sua eterna prontidão. Outros militares deixam-se enganar e não percebem que a modernização

### Soberania foi evocada contra a preservação

das Forças Armadas passa não por essa quimera paranóica, mas pelo entendimento de que a preservação do meio ambiente é uma missão primordial e de que, no Brasil, apenas elas têm condições técnicas e operacionais para proteger, eficazmente, os ecossistemas nas regiões vastas e de difícil acesso. Felizmente, há outros militares com idéias mais modernas, sensíveis aos novos problemas e missões que se colocam para o Brasil e o mundo nessa mudança de século e milênio, e discretamente questionam todo esse vergonhoso embuste.

A defesa da pátria nada mais é que a defesa da população brasileira e dos ecossistemas brasileiros, ameaçados pela devastação das queimadas, pelo envenenamento dos rios com mercúrio, pelo contrabando e pelos tráficos das oligarquias corruptas que detêm o poder local e seus sócios estrangeiros, produtores. O próprio reequipamento, necessário, das Forças Armadas só será viável no bojo dessa nova estratégia democrática e ambientalmente sensível de defesa nacional e não em qualquer imitação macunâmica do gen. Leopoldo Galtieri ou de Saddam Hussein na zona da pororoca.

O autor, vereador no Rio, é o presidente nacional do Partido Verde (PV)